

EDWARD O. WILSON

# O sentido da existência humana

*Tradução*

Érico Assis



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2014 by Edward O. Wilson

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

The Meaning of Human Existence

*Capa*

Kiko Farkas e Ana Lobo/ Máquina Estúdio

*Ilustração de capa*

Kiko Farkas

*Preparação*

Duda Albuquerque

*Índice remissivo*

Luciano Marchiori

*Revisão*

Huendel Viana

Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Wilson, Edward O.

O sentido da existência humana / Edward O. Wilson; tradução  
Érico Assis. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2018.

Título original: The Meaning of Human Existence.

ISBN 978-85-359-3153-2

1. Antropologia filosófica 2. Humanidade I. Título.

---

18-18312

CDD-128

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Antropologia filosófica 128

Iolanda Rodrigues Biode — Bibliotecária — CRB-8/10014

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](https://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](https://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/cialetras](https://twitter.com/cialetras)

# Sumário

## I. POR QUE EXISTIMOS

- 1. O sentido do sentido ..... 9
- 2. Resolvendo o enigma da espécie humana ..... 13
- 3. A evolução e nosso conflito interno ..... 21

## II. A UNIDADE DO CONHECIMENTO

- 4. O novo Iluminismo ..... 29
- 5. A preeminência das humanidades ..... 41
- 6. A força motriz da evolução social ..... 47

## III. OUTROS MUNDOS

- 7. A humanidade desnordeada no mundo dos  
feromônios..... 61
- 8. Os superorganismos ..... 71
- 9. Por que os micróbios dominam a galáxia ..... 79
- 10. Um retrato do ET ..... 86
- 11. O colapso da biodiversidade ..... 96

#### IV. ÍDOLOS DA MENTE

|                          |     |
|--------------------------|-----|
| 12. Instinto.....        | 107 |
| 13. Religião .....       | 116 |
| 14. Livre-arbítrio ..... | 125 |

#### V. UM FUTURO HUMANO

|   |     |
|---|-----|
| 15. Livres e sozinhos no universo ..... | 137 |
|---|-----|

|                       |     |
|-----------------------|-----|
| <i>Apêndice</i> ..... | 149 |
|-----------------------|-----|

|                             |     |
|-----------------------------|-----|
| <i>Agradecimentos</i> ..... | 161 |
|-----------------------------|-----|

|                               |     |
|-------------------------------|-----|
| <i>Índice remissivo</i> ..... | 163 |
|-------------------------------|-----|

# I

## POR QUE EXISTIMOS

A HISTÓRIA NÃO TEM MUITO SENTIDO SEM A PRÉ-HISTÓRIA,  
E A PRÉ-HISTÓRIA NÃO TEM MUITO SENTIDO SEM A BIOLOGIA.  
O CONHECIMENTO DA PRÉ-HISTÓRIA E DA BIOLOGIA ANDA A  
PASSOS LARGOS, TRAZENDO MAIOR FOCO À ORIGEM DA HU-  
MANIDADE E AO PORQUÊ DE UMA ESPÉCIE COMO A NOSSA  
EXISTIR NESTE PLANETA.

# 1. O sentido do sentido

A humanidade ocupa um lugar especial no universo? Qual o sentido de nossa vida? Creio que já aprendemos o suficiente sobre o universo e sobre nós mesmos para fazer essas perguntas, à nossa maneira experimental e passível de resposta. Com os próprios olhos podemos enxergar através do espelho escuro, cumprindo a profecia de Paulo: “Hoje, conheço em parte; então conhecerei perfeitamente, da mesma maneira como plenamente sou conhecido”. Nosso lugar e nosso sentido, porém, não vêm sendo revelados como Paulo esperava — de modo algum. Vamos tratar desse assunto. Vamos raciocinar juntos.

Proponho uma jornada com essa finalidade, da qual peço para ser o guia. Nosso percurso começará pela origem da espécie humana e seu lugar no mundo da vida, questões das quais já tratei, em contexto diverso, em *A conquista social da Terra*. A seguir, partindo das ciências naturais, o trajeto se aproximará, mediante certos passos, das humanidades, e depois, regressando às ciências naturais, do problema mais difícil que é “Aonde vamos?”, assim como da pergunta mais difícil entre todas: “Por quê?”.

Creio que é chegado o momento de propor a possibilidade de unificação dos dois grandes ramos do saber. As humanidades teriam interesse em colonizar as ciências? Quem sabe com um pouquinho de ajuda? Que tal substituir a ficção científica — a fantasia de uma única mente — por mundos novos, com muito mais diversidade e baseados na ciência real, construída por muitas mentes? Poetas e artistas visuais poderiam cogitar descobrir, no mundo real, para além dos sonhos corriqueiros, as dimensões inexploradas, a profundidade, o sentido? Teriam interesse em encontrar a verdade no que Nietzsche chamou, em *Humano, demasiado humano*, de cores do arco-íris ao redor das bordas externas do saber e da imaginação? É lá que se encontrará o sentido.

Em seu emprego usual, a palavra “sentido” implica intenção; intenção implica criação, e criação implica um criador. Qualquer entidade, processo ou definição de qualquer palavra é fruto de uma consequência intencional elucubrada pelo criador. Aí está o cerne da visão filosófica de mundo das religiões organizadas e particularmente dos mitos da criação. Que a humanidade existe com um propósito. Os indivíduos têm um propósito na Terra. Humanidade e indivíduos possuem sentido.

A palavra “sentido” pode ser empregada de modo mais abrangente, implicando outra forma de ver o mundo. Os acidentes da história, não as intenções de um criador, geram o sentido. Não existe uma criação prévia, mas redes sobrepostas de causa e efeito físicos. O desenrolar da história obedece apenas às leis gerais do universo. Cada acontecimento é aleatório, mas modifica a probabilidade de futuros acontecimentos. Ao longo da evolução biológica, por exemplo, a origem de uma adaptação pela seleção natural torna provável o surgimento de determinadas outras adaptações. Essa noção de sentido, no que diz respeito a jogar uma luz sobre a humanidade e o restante da vida, é a visão de mundo da ciência.

Seja no cosmos, seja na condição humana, o segundo sentido, mais inclusivo, existe na evolução da realidade atual em meio a infinitas outras realidades possíveis. Quanto mais complexas as entidades e processos biológicos, mais os organismos tendiam a se comportar de modo a fazer uso do sentido intencional: de início havia o sistema sensorial e o sistema nervoso dos primeiros organismos multicelulares, depois o cérebro organizador e, por fim, um comportamento que responde à intenção. Ao tecer sua teia, a aranha, consciente ou não do resultado, pretende capturar moscas. Esse é o sentido da teia. O cérebro humano evoluiu conforme a regra da teia de aranha. Qualquer decisão de um ser humano tem um sentido de acordo com a primeira acepção, a da intenção. Mas a capacidade de decidir, e como e por que essa capacidade passou a existir, assim como as consequências daí advindas, são o sentido mais amplo, de base científica, da existência humana.

A primeira dentre as consequências é a capacidade de imaginar futuros possíveis, e de planejá-los e escolher entre eles. Utilizar essa capacidade singularmente humana com pouca ou muita sabedoria vai depender de quão afiada for a compreensão de si. A questão de maior relevância é como e por que somos como somos e, a partir daí, o sentido de nossas conflitantes visões sobre o futuro.

Os avanços da ciência e da tecnologia nos levarão ao maior dilema moral desde que Deus deteve a mão de Abraão: quanto customizar o genótipo humano. Muito, pouco ou nada? Seremos forçados a tomar essa decisão porque nossa espécie começou a transpor o mais importante, embora menos investigado, dos limites da era tecnocientífica. Estamos prestes a abandonar a seleção natural, o processo que nos criou, para conduzir a evolução segundo a seleção volitiva — o processo de redesenhar a biologia e a natureza humana da maneira como as desejarmos. A preva-



lência de determinados genes (mais precisamente alelos, as variações na codificação do mesmo gene) sobre outros não mais resultará de forças ambientais, a maioria das quais fora do controle ou mesmo do entendimento humano. Os genes e os traços que eles prescrevem poderão ser o que bem entendermos. Que tal uma vida mais longa, memória ampliada, melhor visão, menos agressividade, maior potencial atlético, odor corporal agradável? A lista de compras não tem fim.

Na biologia, são rotineiras as explicações do tipo como-e-por-quê, e elas se apresentam como causas “próximas” e causas “últimas” dos processos vivos. Um exemplo de causa próxima: temos duas mãos e dez dedos, com os quais fazemos isso e aquilo. A causa última explicaria *por que* temos duas mãos e dez dedos, e *por que* fazemos isso e aquilo com eles, e não outra coisa. A explicação da causa próxima reconhece que a anatomia e as emoções são programadas para levar a cabo determinadas atividades. A explicação da causa última responde à pergunta: “Por que essa programação e não outra?”. Para explicar a condição humana, ou seja, para dar sentido à existência humana, são necessários os dois níveis de explicação.

Nos ensaios a seguir, tratei da segunda acepção de sentido, mais ampla, da nossa espécie. Defendo que a humanidade surgiu absolutamente por conta própria, por meio de uma série cumulativa de acontecimentos ao longo da evolução. Não estamos destinados a alcançar nenhuma meta, tampouco temos que responder a outro poder que não o nosso. É apenas a sabedoria baseada no autoconhecimento, não na devoção, que há de nos salvar. Não haverá redenção nem segunda chance outorgada pelos céus. Temos apenas este planeta para habitar e este sentido a des-cortinar. Para dar esse passo em nossa jornada, para compreender a condição humana, precisamos de uma definição muito mais ampla de história do que a que se utiliza convencionalmente.